Sesquicentenário de um semeador

MARCELO LINHARES (*)

"Recordar os nossos maiores," - disse Mário Linhares em oração proferida na Academia Cearense de Letras, a 10 de junho de 1953, por ocasião do centenário de nascimento do coronel Francisco Alves Linhares – "aqueles que fizeram a grandeza da nossa terra, não é apenas um ato de justiça, mas o cumprimento de um alto dever moral".

O pensamento oriental de Lao-Tsé, transmitido ao ocidente por Augusto Comte, "Os vivos são sempre governados pelos mortos" mostra-nos que vivemos no passado que por força da ancestralidade, temos o presente a nos ligar à cadeia imensa dos tempos que nos conduz inexoravelmente para a eternidade.

Não se extinguem, no fundo de um túmulo, "Aqueles que por obras valorosas, se vão da lei da morte libertando", no dizer camoniano, pois todos deixam o fulgor da sua obra e da sua glória.

Eduardo Girão, o nosso grande mestre, sentenciou:

"Lourejam as searas e transformam-se em douradas messes. Deixam, entretanto, óculo o Semeador. Não importa. Basta-lhe à felicidade e enlevo da florescência e o ressurgir das sementes, repetidas e multiplicadas na riqueza magnífica dos frutos".

No Ceará, sempre é comemorada, com as homenagens devidas, a passagem centenária de nascimento de diversos filhos ilustres.

Mário Linhares, em 1953, através das entidades culturais, resolveu homenagear a figura de um cearense ilustre "que se impôs à admiração dos seus contemporâneos pelas suas preclaras virtudes públicas e privadas".

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Em 1853, a 1º. de junho, nascia em Sobral, Estado do Ceará, o Coronel FRANCISCO ALVES LINHARES, falecendo a 16 de dezembro de 1926, em Fortaleza para onde veio ainda muito jovem. Completaria, assim, cento e cinqüenta anos em igual data do ano em curso.

Sua atividade foi de um labor silencioso e profícuo de agricultor e fazendeiro. Assim, sempre ficou fora do rumor publicitário, porém sempre eficiente em sua ação em proveito geral.

Câmara Cascudo, em prefácio ao esboço genealógico da família Linhares, da lavra de Mário Linhares, afirma a família, radicada ao Ceará, ser do Rio Grande do Norte.

E acrescenta:

"O primeiro Linhares, capitão-mor Dionísio Álvares Linhares casa com sua prima Rufina Gomes de Sá e ambos são norte-riograndenses. Este casal tem dois filhos: Antônio e Dionísia Alves Linhares. Ele casou com D. Ignez Madeira de Vasconcelos. Ela com Domingos da Cunha Linhares, seu primo provável, que morreu em Natal, aos 70 anos, a 24 de novembro de 1769, como diz seu registro de óbito que descobri nos arquivos da Sé. A família se estabelece na ribeira cearense de Acaraú. A progênie se alastra, dando nascimento a dezenas de troncos que, hoje, esgalham sobre vários Estados".

O capitão-mor Dionísio Álvares Linhares – apesar da opinião do douto Câmara Cascudo – nasceu na Freguesia de Cossourado (orago: Santa Marinha de Linhares), Concelho de Paredes do Couro, Comarca de Valença, Arcebispado de Braga, Portugal, onde foi batizado em 2 de julho de 1673. Veio para o Brasil, somente no início do Século XVII, fixando-se no Sítio Rodrigo Moleiro, perto de Natal (RN). Foi proprietário de terras e Cavaleiro da Ordem de Cristo, vindo a falecer antes de 31 de julho de 1758.

O sobrenome Linhares, portanto, tem sua origem na Freguesia de Linhares, situada no Concelho de Paredes do Couro. Em Portugal, por sua vez, este topônimo vem da palavra "linhar", do português arcaico, significando terreno que produz linho.

Parece que os pais de Dionísio emigraram para o nosso país no último quartel do século 17. O coronel Felix da Cunha Linhares,

seu primo, aparece, ao mesmo tempo, em 1690, localizando-se na Ribeira do Acaraú, onde a 14 de outubro de 1702, requereu uma sesmaria, registrada sob n. 119, fundando nesse ano a capela de São José, a três léguas de Sobral, da qual foi sempre instituidor e administrador.

Dionísio, assim, viveu no começo do século 18. Era cavaleiro da Ordem de Cristo e, por todos, considerado de muito boa nobreza, consoante se vê do Livro das Miscelâneas da Ouvidoria Geral de Pernambuco.

O coronel FRANCISCO ALVES LINHARES saiu de sua terra natal ainda muito jovem, em companhia de seu irmão Vicente, vindo para Fortaleza, em cujo comércio ambos iniciaram a vida. Em seguida o coronel Francisco Linhares passou a exercer a sua atividade na serra de Baturité, onde sempre trabalhou afanosamente, tornando-se proprietário de vários sítios de café, além de fazendas de gado nos sertões de Canindé e Quixeramobim.

Mário Linhares, que após a morte de seu pai Vicente, falecido aos 33 anos de idade, deixando seis filhos órfãos, todos acolhidos carinhosamente pelo coronel Linhares, em seu lar, atesta haver sido um dos mais entusiásticos incentivadores da lavoura cafeeira, talvez movido pelo mesmo impulso atávico de seu 3º. avô, o capitão-mor José de Xerez Furna Uchoa, que introduziu o primeiro pé de café entre nós, trazido da França, por oferta de Luiz XV, em 1747.

Francisco Alves Linhares fez de sua inteligência o instrumento explorador da terra prestando, na medida de suas forças, a sua contribuição para o desenvolvimento do nosso Ceará.

Em 1879 casou-se com D. Josefa Felícia Caracas, de tradicional família cearense, de cujo consórcio deixou a seguinte descendência:

- Dr. Augusto Linhares, eminente médico, especializado em otorrinolaringologia, além de escritor consagrado por uma série de obras científicas, literárias e folclóricas;
- Ministro José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal por dez anos, além de haver sido o primeiro cearense a assumir a Presidência da República, quando da

deposição de Getúlio Vargas em 1945. No breve espaço de tempo do seu governo federalizou a Faculdade de Direito do Ceará, fundada em 1903, justa solicitação não só dos professores, mas de toda a sociedade cearense, criou a Caixa Econômica Federal do Ceará (autônoma em cada Estado), assegurou verba para o prolongamento do molhe de abrigo do porto de Fortaleza, em Mucuripe, com 1.000 metros de extensão, bem como aprovou o projeto e orçamento para execução das obras de defesa da Praia de Iracema, aumentou de 10 para 17 o número de nossos representantes na Câmara dos Deputados;

- Francisco Alves Linhares Filho, farmacêutico e sucessor de seu pai como agricultor e criador;
- Máximo Linhares, engenheiro e fazendeiro tendo feito parte de várias comissões federais como o então Serviço de Proteção aos Índios, tendo sido, outrossim, agente do Lloyd Brasileiro, em Nova York;
- Vicente Alves Linhares, ex-deputado federal, ex-prefeito de Fortaleza, tendo presidido por 10 anos a Caixa Econômica Federal do Ceará;
- Maria Augusta Linhares, de prendas domésticas, casada com o Dr. Amâncio Filomeno, médico, professor e ex-diretor da Escola Normal de Fortaleza;
- Dulce Linhares, de prendas domésticas, casada com o Almirante César da Fonseca, figura de relevo da nossa Marinha de Guerra;
- Beatriz Linhares, casada com o engenheiro Elesbão de Castro Veloso, figura tão ilustre que o governo do Estado do Piauí, após a sua morte, resolveu dar o seu nome à sua cidade natal.

O Instituto do Ceará, para comemorar o centenário de nascimento do coronel Linhares, em sessão de cinco de junho de 1953, homenageou-o com a aprovação à sua memória, por unanimidade, de um voto de exaltação solicitado pelo nosso confrade professor Francisco Alves de Andrade. Com a sua autoridade no assunto, ao ensejo, aquele mestre produziu substanciosa disser-

tação sobre o dinâmico agricultor, enumerando-lhe as iniciativas e realizações de monta, como se poderá verificar na Ata daquela sessão. Falou da introdução, por ele feita, do algodão mocó, mandando buscar na região do Seridó sacos de sementes por ele distribuídas entre agricultores amigos, fato muito bem assinalado na *História Econômica do Ceará*, de Raimundo Girão. Teve também o mérito – disse o orador – de haver sido o introdutor no Ceará do "Charolez", raça francesa de gado bovino.

Concluiu a sua oração dizendo:

"Temos cultuado a fronde da árvore. Sabemos, porém, que toda a seiva que esplende em seus ramos floridos vem do seio da terra. E há um labor não menos necessário, não menos útil que permanece esquecido e a que devemos também um culto. É o labor das raízes, Francisco Alves Linhares, o agricultor cujo centenário comemoramos é um dos representantes destas raízes obreiras do Ceará".

A família do coronel Linhares – por ocasião do seu sesquicentenário de nascimento – orgulha-se, muito mais, quando relembra haver sido ele o primeiro fazendeiro da Serra de Baturité a libertar os seus escravos, antes mesmo da Lei Áurea.

No transcurso dos seus cento e cinqüenta anos de nascimento, relembrando a sua vida de lutas, em sessão realizada no Instituto do Ceará, foi solicitado o registro em Ata daquela efeméride, tendo sido aprovado, com o referendo dos seus pares, um voto de louvor à memória do saudoso pioneiro.